

# Journal do Domingo.

## REVISTA UNIVERSAL

### ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

|                             |            |
|-----------------------------|------------|
| Anno ou 52 numeros.....     | 25500 réis |
| Semestre ou 26 numeros..... | 15300 "    |
| Trimestre ou 13 ".....      | 7900 "     |
| Avulso.....                 | 80 "       |

— ANNO I — 6 DE MARÇO DE 1881 — N.º 3 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO  
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

### ASSIGNATURA

BRAZIL

|                             |            |
|-----------------------------|------------|
| Anno ou 52 numeros.....     | 75000 réis |
| Semestre ou 26 numeros..... | 45000 "    |
| Trimestre ou 13 ".....      | 25000 "    |
| Avulso.....                 | 200 "      |

### SUMMARIO

**Gravuras:**— Joanna Grey discutindo na prisão com o bispo Gardiner; Newton analysando a luz; O castello de Semiramis em Van; Um gigante vegetal na California; Uma ponte no Japão;  
**Texto:**— As nossas gravuras; A nau Catharineta por Pinheiro Chagas; Historia de Rosza Sandor; O crime de Rivecourt, traducção de Cunha e Sá; Expediente.

### AS NOSSAS GRAVURAS

JOANNA GREY DISCUTINDO NA PRISÃO COM O BISPO GARDINER.—Pareceria impossivel que este facto

grura dos profundos abysmos. Tal foi o que armou o braço fanatico e rancoroso da rainha Maria de Inglaterra contra uma princeza, sua rival, cujos defeitos unicos eram a deslumbrante formo-

Northumberland, podiam levar Joanna Grey a occupar o logar que por ventura com maior direito lhe pertencia; e sabia tambem perfeitamente que aquella joven princeza, com pouco mais de tres



JOANNA GREY DISCUTINDO NA PRISÃO COM O BISPO GARDINER

se desse, se não estivesse registado na historia com letras de sangue, e com uma reprobção sem limites. Ha successos em que a influencia da mulher tem uma força de benevolencia e cordura que os illuminam com radiante luz; ha outros acontecimentos onde essa influencia tem a ne-

sura e o extraordinario talento. Quando, meado o seculo XVI, a morte riscou o nome de Eduardo VI da lista dos reis de Inglaterra e Irlanda, Maria Tudor, a primeira do seu nome no throno britannico, sabia muito bem que só a ambição e a malevolencia de um cortezão, o duque de:

lustros, isto é na idade em que o coração está povoado de sonhos e alegrias, acceitára com incrível repugnancia o papel que lhe tinham distribuido. Apesar d'isso, Maria Tudor, cujo caracter violento era em demasia conhecido, olhou para a sua rival e pensou com o cruel sentimen-

to de um facinora. — Morrerá! E em vez de erguer o punhal, como qualquer italiana ou hespanhola, contra o peito da mulher que quer esmagar, mandou-a lançar n'uma prisão e cortar-lhe a cabeça, depois de ter a certeza de que entre a prisão e o cadafalso existia um infundo martyrio. Era o requinte da malvadez!

Para as almas bem formadas e nobres, como a de Joanna Grey, a tremenda vingança da rainha Maria não podia transformar-se n'um supplicio. Joanna recebeu a ordem odienta com desprezo e apressou-se em cumpril-a risonha. Este immenso clarão de superior bondade, aquilatada em tal provação, era por sem duvida mais assombroso que a propria vingança. E todavia deu-se. Está certificado na historia.

Na verdura de seus annos, ninguem diria que Joanna Grey adquirira uma instrucção variada e solida, excedente ás forças intellectuaes do seculo, especialmente em attenção ao seu sexo. Sabia-se, porém, que a formosa princeza lidava com os homens mais instruidos do seu tempo e discutia com elles, sobre assumptos graves, como se tivera assento n'uma academia. Na occasião em que suppliciam os membros da sua familia e decepavam a cabeça do marido, cujos restos mortaes passavam despresivelmente por defronte das grâdes da sua prisão, a fanatica e cruel rainha Maria intimava ao bispo Gardiner a ordem de ir a Tower-Hill, dizendo-lhe:

— Corra á prisão e converta a Joanna!

O bispo executou a ordem. Mas, ao entrar no recinto onde conservavam reclusa a desditosa princeza, o prelado em vez de encontrar a contrariedade no animo d'ella, achou-a na mais admiravel serenidade. Assim, ás primeiras palavras do bispo, Joanna Grey objectou:

— Não se canse em converter-me, prelado. Disentâmos.

E ella proferiu esta phrase com tão singular frieza, mas igualmente com tão viva luz de benignidade, que o bispo Gardiner julgou que lhe corria pelo corpo o gelo dos polos, e pensou que, trocados os papeis, era talvez ella que o converteria, e recuou.

Este é o momento do bello quadro do pintor Folingsby, que esteve exposto na galeria da academia real de Londres e que damos hoje reproduzido em gravura. Todas as figuras d'elle são mui expressivas e revelam bem aquelle instante de suprema angustia da controversia entre um bispo, servilmente submisso ás ordens de Maria Tudor, e a desventurada Joanna Grey, vendo já aberto, e ante si, o sepulchro dos martyres!

BRITO ARANHA.

A LUZ. — Aristoteles definia a luz: «*acto dos corpos transparentes considerados como taes*». Imaginava elle que os corpos transparentes, isto é, o ar, o vidro, etc., tinham a propriedade de tornar visíveis os corpos que estavam por detraz d'elles, e para explicar a differença que havia entre o dia e a noite, recorria ás erradas subtilezas, que caracterizam a sua escola e que, por tanto tempo serviram de base ás discussões ridiculas em que muitos talentos consumiram a sua energia portentosa. «Os corpos que teem essa propriedade, diz o famoso mestre de Alexandre, são transparentes de dia: *realmente*; e de noite: *potencialmente*. Muitos philosophos que vieram depois de Aristoteles fundando-se no famoso:

*Nihil dat quod in se non habet*

definiram a luz e as côres qualidades dos corpos luminosos e coloridos. Era como no medico de Molière, que explicava que o opio fazia dormir porque n'essa substancia havia a virtude *suporificia*.

O criterio derruiu essas doutrinas, fundando-se na observação e na experiencia. Não foi, contado, apto logo desde os primeiros ensaios, nem o poderio ser, para substituir theorias inatacaveis ás absurdas, que derrubára.

Para que a verdade se conheça requer muita labutação e muito tempo.

Descartes ou Cartesius entendia que a luz era materia subtil espalhada em toda a parte, mesmo no interior dos corpos. A quietação d'este fluido era a *treva* e o seu movimento produzia a *luz*. Composto de particulas esphericas, que se tocavam umas ás outras, um raio luminoso consistia n'uma fileira d'essas particulas, das quaes a primeira tocava no corpo luminoso, que tinha a propriedade de a impellir e a ultima nos olhos. O celebre auctor do discurso sobre o methodo dava como explicação d'essa theoria o seguinte: Um pau impellido de encontro a um corpo resistente, transmite instantaneamente essa resistencia á mão.

Descartes, como se vê, julgava instantanea a propagação da luz. Esta instantaneidade, hoje perfeitamente provada em contrario, fez baquear essa doutrina.

Mallebranche substituiu aos globulos de Descartes pequenos turbilhões de materia subtil. A sua theoria tem grande analogia com a actualmente admittida. Foi este physico o primeiro que provou a analogia entre as leis da luz e do som, e talvez o primeiro que imaginou que todas as partes de um corpo luminoso estão em movimento rapido, e que esse movimento produz pulsações n'um meio subtil que se acha entre o objecto e os olhos, de modo, diz elle, que: a luz se transmite por vibrações de pressão.

Newton tambem pretendeu explicar os phenomenos luminosos por uma nova theoria. Segundo elle os corpos luminosos projectam em todos os sentidos molleculas de materia subtil. O choque d'essas molleculas de encontro aos olhos produzia a sensação da vista.

Newton, que a nossa estampa representa analysando a luz solar, fazendo passar um feixe luminoso atravez de uma prisma de cristal, se não foi notavel pela sua theoria chamada das *emanações*, enriqueceu a sciencia com tão importantes descobertas que a sua gloria é immarcescivel. Contudo, força é dizel-o, a preponderancia que o seu nome aureolado exerceu sobre os espiritos foi nefasta aos progressos da sciencia e foi depois dos seus discipulos reconhecerem a impotencia da theoria das *emanações* para explicar todos os phenomenos luminosos, que a abandonaram pela theoria das *ondulações*.

Foi Huyghens o preclaro fundador d'esta maneira de explicar a luz. Como Mallebranche admitte um fluido espalhado no universo — ether — fluido tenuissimo que passa atravez dos poros dos corpos e cujas vibrações transmittem a sensação da vista, isto é, da luz. Imagina que esse movimento vibratorio se propaga em ondas esphericas. Fresnel e outros sabios deram a esta theoria a extrema perfeição e por isso é hoje universalmente admittida.

A experiencia que a gravura representa é facil de realisar-se.

Faz-se um furo na porta de uma janella, por onde se faz passar um feixe de raios solares. Se recebermos esse feixe luminoso sobre um prisma de vidro ou de cristal, que pode bem ser um d'esses vidros faceados que adornam os lustres, veremos a distancia na parede fronteira ou sobre um alvo de cartão, uma zona alongada composta de sete côres collocadas na ordem seguinte: vermelho, côr de laranja, amarello, verde, azul, anil e violeta. Estas côres não fazem transição rapida, e a sua reunião, isto é, a sua mistura constitue a luz branca. A esta imagem das sete côres deu-se o nome de *spectro solar*, que é o resultado da analyse da luz. Agora se quizermos fazer a synthese podemos reunir estes sete raios por meio de uma lente convergente e as sete côres formarão um ponto luminoso branco. Se pintarmos sobre uma roda de cartão estas côres e, atravessando o centro por um alfinete lhe dermos um rapido movimento de rotação, veremos a roda como se estivesse pintada de branco.

Estas experiencias provam que a luz do sol é composta de sete côres ou raios.

A côr dos objectos é o resultado do modo como elles nos reflectem a luz. Os que reflectem somente os raios vermelhos, são vermelhos, os que somente reflectem os verdes, são verdes, etc. Os objectos perfeitamente polidos não teem côr, porque reflectem todos os raios com igual intensidade, e é isto que se dá nos bons espelhos.

JOÃO DE MENDONÇA.

O CASTELLO DE SEMIRAMIS EM VAN. — A sueste de Erzerum, nas fronteiras da Persia, — cidade que se tornou um pouco celebre, por occasião da ultima guerra da Russia com a Turquia, — estende-se um grande lago sobre as margens do qual se encontram ruínas que remontam a mais alta antiguidade.

Entre estes restos de um longiquo passado, nota-se principalmente o castello de Semiramis, situado a dois kilometros do lago, não longe da cidade de Van.

Circundam esta cidade ruínas, muralhas cycloficas que parecem remontar á epocha em que vivia a grande rainha do Oriente.

Veem-se n'estas muralhas numerosas inscrições em caracteres uniformes e estranhos hieroglyphos. As estatuas que se encontram n'estas ruínas teem todas um cunho egypcio.

Chamam-se hieroglyphos certos signaes com que antigamente, antes da prodigiosa invenção do alphabeto, se representavam não as syllabas e as palavras, mas as ideias. Os caracteres conciformes são caracteres de antiquissimas linguas, principalmente da lingua dos persas, dos medos, dos assyrios, que se vêem em certas columnas que ainda existem da antiguidade. Sobre a decifração d'estes caracteres torna-se muito celebre mr. Oppert, um dos sabios que fizeram parte do ultimo congresso anthropologico que se reuniu em Lisboa.

O castello de Semiramis está situado ao norte da cidade sobre um rochedo escarpado de pedra rija. Exteriormente, o rochedo é inacessivel, mas no interior tem uma escada por onde se chega até ao cume.

N'este enorme rochedo escavaram-se muitos depositos e galerias subterraneas, nas quaes se conservam provisões para os defensores da cidadella. Os turcos conservam ali uma guarnição.

UM GIGANTE VEGETAL NA CALIFORNIA. — A arvore representada na nossa gravura é um «Sequoia gigantea» especie de Taxodium que só se encontra em algumas partes da California. A especie a que esta pertence fornece uma madeira muito estimada, de cor vermelha, e que já era muito aproveitada ainda antes de se ter conhecimento d'estes gigantes do reino vegetal.

Foi um indio quem primeiro informou os naturalistas da existencia de arvores da altura de trescentos pés e setenta de circumferencia. Chamava-se este indio Sequoya, e foi em signal de reconhecimento que os sabios deram o seu nome ás maiores arvores da terra.

Na provincia de Mariposa encontraram-se umas cem arvores d'estas, cuja altura variava de 90 a 110 metros e todas na força do desenvolvimento. Outras estavam por terra, derrubadas pela acção do tempo ou pela furia da tempestade.

Uma d'estas era óca e pelos vestigios que dentro d'ella se observavam, conhecia-se que tinha servido de residencia aos indios.

Contando os circulos concentricos que apresenta este veterano das florestas californianas, os naturalistas entenderam que deviam dar-lhe tres mil annos de idade.

O governo do Estado da California tomou estas arvores sob a sua protecção, e restam ainda umas cem.

Em outras partes do mundo citam-se igualmente arvores de uma altura e de uma grossura extraordinaria. Na Africa, por exemplo, ha o Imbondeiro (*Adansonia digitata*).

Para se fazer idéa do tamanho d'estas arvores, basta dizer-se que em 1856, um nosso compatriota viu em Moçambique um Imbondeiro, em cujo tronco óco havia um deposito de agua que beberam 315 pessoas!

Não é, porém, a California só notavel pelas suas arvores gigantes, é mais ainda pelo seu ouro.

De uma estatística de 1849 a 1873 vê-se que a California tem exportado 1.200.000.000 \$000 réis em ouro!

A vista d'estes numeros quasi se esquecem as arvores.

\* \*

COISAS DO JAPÃO. — É o Japão um dos paizes mais extraordinarios do mundo, não por causa da differença que existe entre elle e os paizes da Europa, mas tambem por causa das similhanças. Por exemplo, no Japão acha-se ali estabelecido o systema feudal similhante ao da Europa na idade media.

Parece que o Japão foi povoado por chins, misturados com povos de outras raças, se bem que a lingua japoneza faça grande differença da lingua chinesa. Ha tanta similhança entre as instituições dos dois imperios, que não se pôde deixar de reconhecer que tiveram origem commum.

Assim como os seus vizinhos da China, os japonezes são muito industriosos e ao mesmo tempo de uma grande sobriedade. Tem executado no paiz grandes trabalhos de utilidade publica, que nos devem assombrar. As estradas do Japão são as mais bellas do mundo, disse um viajante celebre, e possuem canaes magnificos, que ainda assim não podem ser comparados com o grande canal de Cantão.

Entretanto, os japonezes participam tambem de certos defeitos dos chins, entre outros a exqu coastice de nas bellas artes, e tambem na industria,

procurarem sempre o singular, o phantastico, o extraordinario, sem se preocuparem com as exigencias do bom gosto e da commodidade. É por este motivo que se acha proximo de Iwacuni a ponte curiosa de que damos hoje a estampa, ponte que não tem igual em qualquer outro paiz. Se não soubessemos que é uma ponte do Japão, poderíamos julgar que era uma ponte do inferno.

É uma serie de corcovas que é preciso subir e descer em perigo de quebrar as costellas. Para um espectador que não tem de a atravessar, nada mais divertido do que ver n'um dia de mercado, centenaes de individuos seguidos de burros, de porcos e de outras alimarias subirem e descerem e darem o seu trambulhão em meio de infernal concerto de gritos, de vociferações, de zurros, de grunhidos.

Homens, crianças, burros, porcos, volateis, todos protestam contra o incommodo d'esta ponte na linguagem que Nosso Senhor Ihes deu para se explicarem.

Para sermos justos com os japonezes devemos acrescentar que esta parte é já uma antiguidade e ha de proximamente ser demolida, se o não foi já a estas horas.

Substitue-a uma ponte de ferro, construida n'uma officina ingleza da Australia.

Ao contrario do seu parente, a China, que ainda recusa entrar de vez na senda do progresso, o Japão já se acha muito influenciado pela corrente da civilização europea.

Dizem os que se prezam de ver longe no futuro das nações que o Japão annullará a China.

A verdade é que na lingua já os japonezes vão muito além dos chins, segundo asseveram os senhores linguistas. A lingua chinesa é uma lingua rudimentar, monosylabica, enquanto que o japonês é um idioma agglutinante, isto é, exprime idéas de relação, o que não succede com a lingua do Celeste Imperio.

R.

## A NAU CATHERINETA

(Continuado de pag. 13)

De novo teve Jorge de Albuquerque de desenvolver toda a sua energia para os dissuadir de tão culpado intento, mas elle mesmo sentia que principiava a desfallecer-lhe o animo, principalmente depois de terem passado no dia 29 de setembro a vista de um navio que não fez caso dos seus signaes; mas de subito, a 2 de outubro, desfazendo-se ao meio-dia uma nebrina intensa que desde pela manhã envolvia os horizontes acharam-se á vista de terra. É impossivel descrever-se o jubilo dos navegantes, ainda quando primeiro suppozeram que era a Gáliza, mas essa alegria tocou as raíças da loucura quando, attentando melhor, reconheceram a serra de Cintra.

A doudice do seu contentamento ia-os prejudicando tanto como a desanimação que primeiro os prostrara. Queriam já deitar-se ao mar em jamgadas, e Jorge de Albuquerque teve immenso trabalho para lhes fazer vêr que se iam despedaçar n'aquellas ribas fragosas e alcantiladas. A nau porém achava-se n'um tal estado, que seria quasi impossivel evitar que ella mesmo desse á costa. Os tripulantes de um barco que passou junto d'elles tiveram a crueldade de lhes responder que lhes valesse Jesus Christo, por que

elles não podiam demorar-se. Foi mais compassivo o arraes de um barco pequeno que ia para Athougua, que os recebeu a bordo, deu reboque á nau, levando-a até Cascaes.

Estavam findas as amarguras d'aquelles infelizes, que eram apenas vinte e tantos quando desembarcaram, mas os seus rostos macilentos, a sua apparencia espectral, bem denunciavam os horrosos padecimentos que tinham supportado. Causou grande impressão em Lisboa a historia d'estes successos; o cardeal-infante D. Henrique, então regente, informou-se d'elles com muito interesse, o povo seguia com curiosidade os naufragos nas ruas, a musa popular, inspirando-se n'esse desastre, e ornando-o com o sabido enfeite do maravilhoso, perpetuou-o na tradição, por que é elle incontestavelmente o que serve de base ao romance da *Nau Catherineta*.

Foi Garrett o primeiro que descobriu a relação entre a lenda e a historia verdadeira, regeitou o sr. Theophilo Braga a opinião de Garrett, e escreveu n'um dos seus livros as seguintes phrasas:

«A lenda da nau Catherineta não tem uma determinada origem historica; é a generalidade tetrica de todos os naufragios. A nau Catherineta não tem uma certa origem historica, como suppõe Garrett, é um germen de uma odysseia, onde a multiplicidade das scenas de naufragio está reduzida á generalidade mais tetrica.»

Nós vamos provar ao sr. Theophilo Braga que se illude completissimamente.

Transcrevemos primeiro a lenda, e servimo-nos da propria versão do sr. Theophilo:

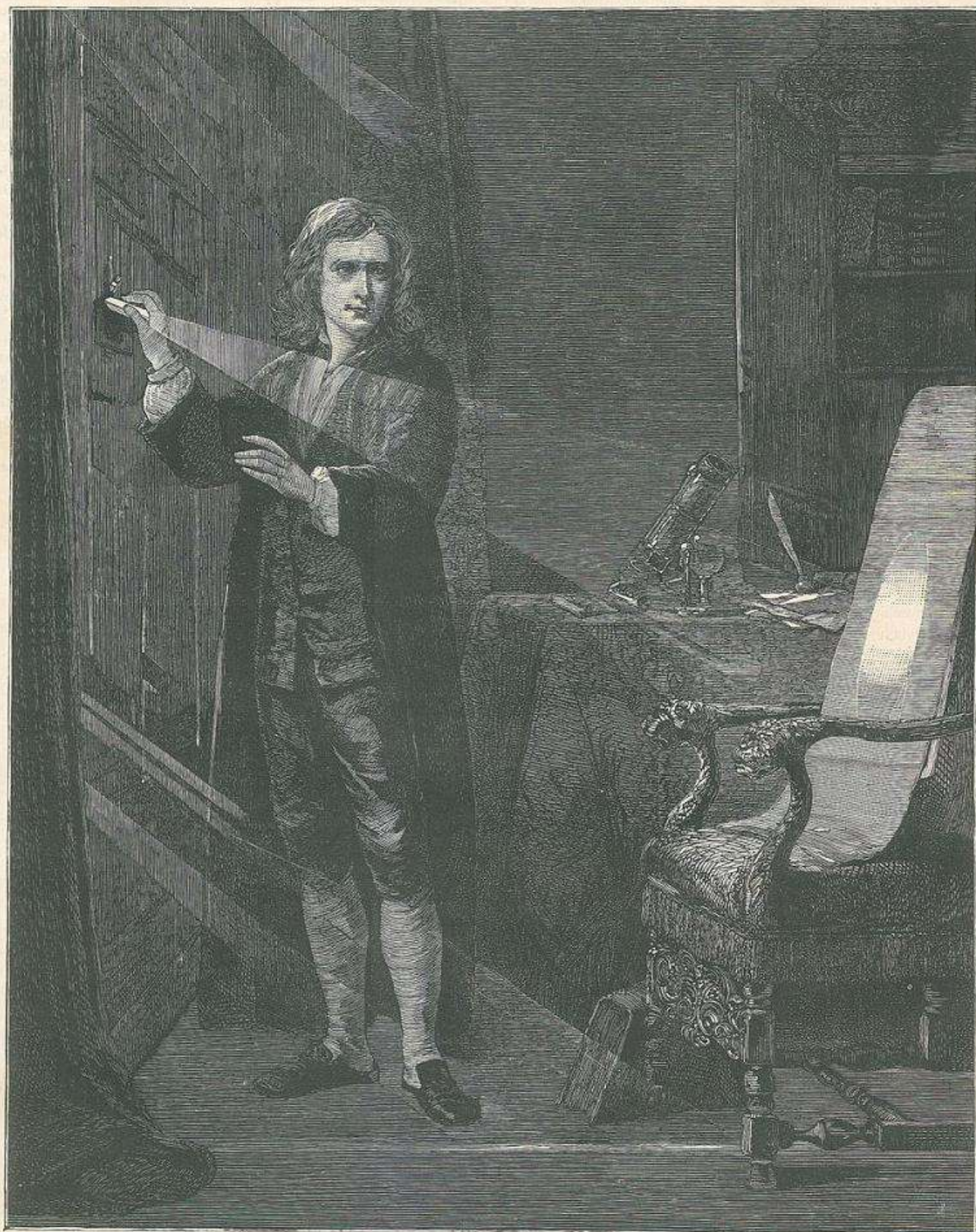
Ora da nau Catherineta  
D'ella vos quero contar  
Sete annos e mais um dia  
Andou nas aguas do mar.  
Não tinha lá que comer  
Nem mais que para manjar.  
Deitaram solas de molho  
Para ao domingo jantar.  
A sola era tão dura,  
Não a poderam tragar.  
Deitam sortes á ventura,  
P'ra ver quem se hade matar.  
Logo foi cair a sorte  
No capitão general.  
— Sobe, sobe, marujinho  
Aquelle tope real.  
Vê se vês terras de Hespanha  
Ou praias de Portugal.  
— Não vejo terras de Hespanha,  
Nem praias de Portugal  
Vejo sete espadas nuas  
Todas para te matar.  
— Acima, acima gageiro  
Aquelle tope real.  
Vê se vês terras de Hospanha,  
Ou praias de Portugal.  
— Alviçaras, meu capitão  
Meu capitão general  
Já vejo terras de Hespanha  
E praias de Portugal.  
Tambem vejo tres meninas  
Debaixo de um laranjal  
Uma sentada a cozer,  
Outra na roca a fiar,  
A mais formosa de todas  
Está no meio a chorar.

— Todas tres são minhas filhas,  
Oh! quem m'as dera abraçar.  
A mais formosa de todas  
Comtigo a hei-de casar.  
A vossa filha não quero

— Dou-te o meu cavallo branco  
Que nunca houve outro igual.  
— Guardae vosso cavallo  
Que vos custou a ensinar.  
— Que queres tu, meu gageiro?,

— Mas ou eu não sou quem sou,  
Ou el-rei t'a ha de dar.

O simples facto de ser a nau Catherineta a  
propria que chega a Portugal, depois de terem



NEWTON ANALYSANDO A LUZ

Que vos custou a criar.  
— Dar-te-hei tanto dinheiro  
Que o não possas contar,  
— Não quero vosso dinheiro  
Que vos custou a ganhar.

Que alviçasas te hei de eu dar?  
— Eu quero a nau Catherineta  
Para n'ella navegar.  
— A nau Catherineta, amigo,  
E d'el-rei de Portugal.

passado os seus tripulantes imensos tormentos,  
bastava quasi para confirmar a opinião de Gar-  
rett. Effectivamente, que se vê quasi sempre na  
historia dos naufragios? Um navio que dá á cos-  
ta ou que se affunda no alto mar; os naufragos

escapando-se n'uma lancha, ou n'uma jangada, ou vagueando por plagas inhospitas e passando então a fome e as outras angustias d'essa miseranda tragedia. Mas o que é de certo rarissimo é que um navio, depois de ter sido quasi completamente desmantellado, não tendo já nem mantimentos, nem agua, chegue, apesar d'isso, com a tripulação moribunda, ao porto a que se destina. Foi este caso rarissimo o que succedeu á nau de Jorge de Albuquerque, e é também o caso da nau Catherineta da lenda do povo.

A viagem de Jorge de Albuquerque foi demoradissima, gastou perto de quatro mezes de Pernambuco a Lisboa, chegou a ir perto da Terra Nova, ficando sem velas, nem mastros, nem convez, veio quasi a remos. Esta demora complicada pela phantasia popular traduz-se nos sete annos e um dia de viagem da nau Catherineta.

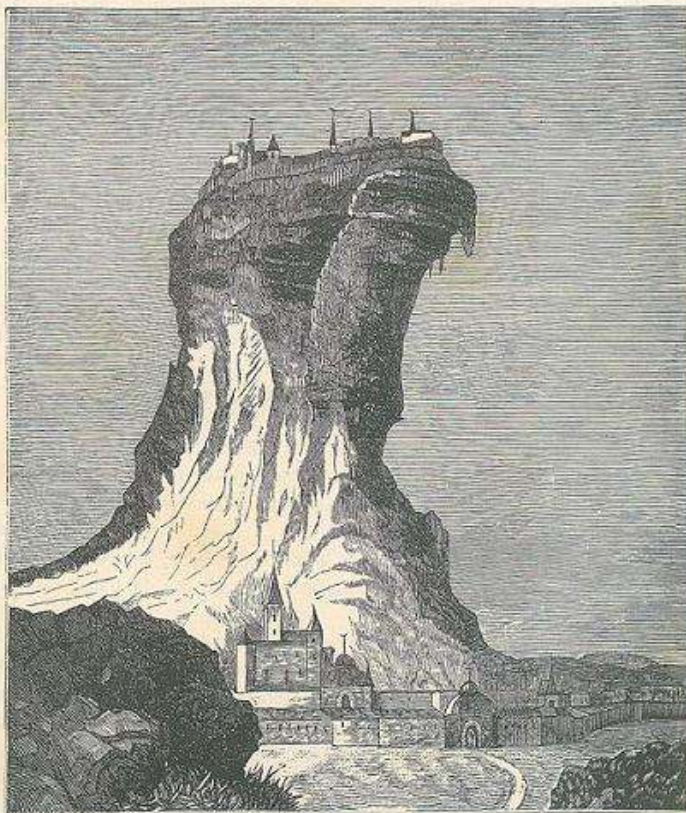
A fome a bordo é um episodio vulgar n'estes tristes dramas da vida maritima, a idéa de anthropophagia também não

é demasiadamente rara, mas enfim todos esses incidentes se deram no navio de Jorge de Albuquerque e todos vêm commemorados na lenda do povo. As brigas a bordo, a conspiração contra o commandante ou marinheiros famintos e desesperados, lá estão expressos na lenda:

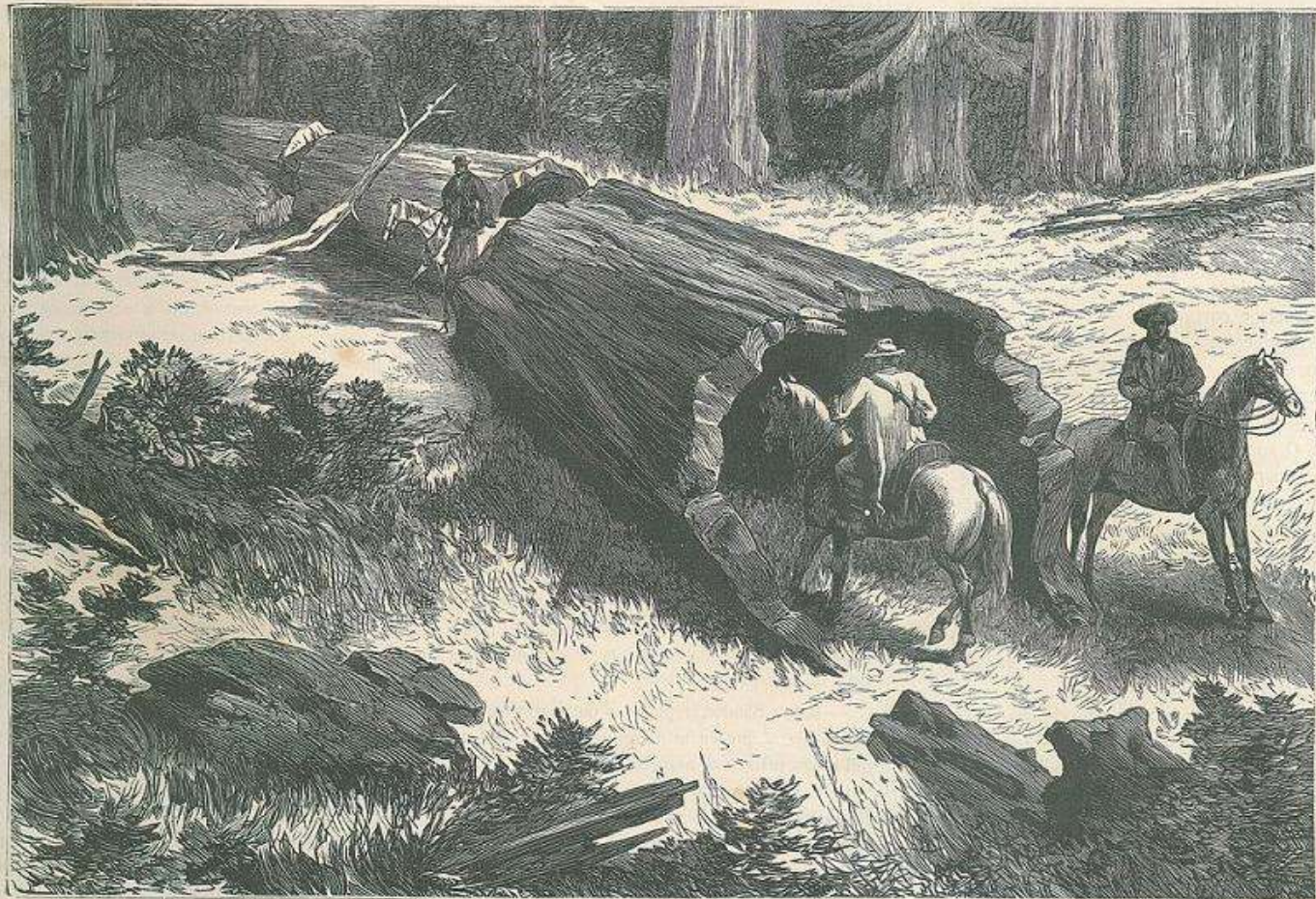
Vejo sete espadas nuas  
Todas para te matar.

É raro também que a bordo de um navio, por mais desmantellado que ficasse, não tenha o piloto meios scientificos de saber onde está. Não havia esses meios no navio de Jorge de Albuquerque, porque os francezes lhe tinham roubado o astrolabio e a bussola. O capitão da nau Catherineta também não sabia onde estava. O gageiro da nau legendaria descobriu de subito praias de Portugal, foi o que succedeu aos companheiros de Jorge de Albuquerque.

O gageiro era o demonio; a idéa de que o diabo queria aproveitar a situação despe-



O CASTELLO DE SEMIRAMIS EM VAN



UM GIGANTE VEGETAL NA CALIFORNIA

rada em que estavam para se apoderar das suas almas também saltou os tripulantes da nau verdadeira. Lá o diz um d'elles, Bento Teixeira Pinto, auctor da *Relação* publicada na *Historia tragico-maritima*, lá attribue a idéa de anthropophagia da mulher de Satanaz e a de affundarem a nau na mesma viagem. Quando narra que Jorge de Albuquerque os dissuadio, continua do seguinte modo:

«Assim ficaram livres do diabolico laço que o inimigo lhes tinha armado, o qual era o mais perigoso passo em que se viram. Neste se perdiam corpos e almas por quererem tomar a morte com suas mãos, desesperando da misericordia de Nosso Senhor...»

«O gageiro que sobe ao mando do capitão, diz o sr. Theophilo, sobre quem cabiu a sorte para ser devorado, e que promete o grau de cavalleiro, sua filha e seu navio, se lhe avistar terra de Portugal, é uma das mil personificações do diabo. Elle produz a cerração que esconde a praia.»<sup>1</sup>

Até esta cerração que esconde a praia existe também na viagem de Jorge de Albuquerque. Lá diz Bento Teixeira Pinto: «Viram a praia a horas de meio-dia, acabando de se desfazer um grande nevoeiro e nebrina que se fizera pela manhã.»

Vendo-se esta infinidade de pontos de contacto entre a historia e a lenda, a asserção do sr. Theophilo Braga só se explica plausivelmente, suppondo-se que o sr. Theophilo não teve tempo de ler a relação da viagem de Jorge de Albuquerque.

PINHEIRO CHAGAS.

<sup>1</sup> *Cancioneiro e romanceiro geral português*, t. III, pag. 194. Não nos responsabilizamos pela construção grammatical dos periodos que citamos.

## HISTORIA DE ROSZA SANDOR

Por um dos vastos platós convisinhas da cidade de Szegedin, na Hungria, divagava, por uma formosa noite de verão do anno de 1848, um homem ainda moço, cujo rosto denunciava intelligencia e energia, e todo o exterior uma perfeita distincção. Chegando junto de um dos numerosos mactos de arvoredo que separavam a montanha da planície, parou dizendo:

— É aqui que elle deve estar!

O homem em questão era Arthur Goergey, que ao tempo se empenhava, com varios amigos, em insurgir a Hungria contra a dominação austriaca.

Como um homem que tem indicações certas penetrou no bosque com passo firme. Chegando a uma clareira parou a escutar, e o seu rosto exprimiu uma viva satisfação ouvindo uma voz de homem que se confundia a espaços com a entonação lamentosa de outra voz de mulher e com a algaravia de uma creança.

O homem tornava-se notavel pela magreza do rosto, pelo farto bigode e pelos longos cabellos negros que lhe desciam até aos hombros; a energia caracterisava-lhe a physionomia e ao mesmo tempo os movimentos do corpo, de uma estatura elevada.

— Sabes rezar as tuas orações, meu filho? — perguntou o homem sentando a creança nos joelhos.

— Certamente, respondeu a mulher, reza todas as manhãs e todas as noites.

— Faze por seres um homem de bem, filho... não queiras parecer-te com teu pae... Para o anno, Tusca, mette-o na escola; é necessario que se instrua e eduque nos bons principios.

— Assim tenciono fazel-o, ainda que tenha de gastar até ao ultimo florin.

— Leva-o, e quando elle crescer, não lhe digas nunca quem foi seu pae; occulta-lhe o meu nome, que ignore sempre que é filho de Rosza Sandor, o bandido.

— Pergunta ao papá quando o tornaremos a ver, — disse a mulher.

— Não sei, filho; eu nunca posso contar com o dia de amanhã. Hoje estou aqui, amanhã estarei a 20 leguas, depois de amanhã debaixo da terra, talvez.

— Não digas tal; olha; o pequenino está com os olhos rasos de agua.

E, todavia, é a verdade, meu querido filho! O bandido não tem ninguem a quem possa dirigir as suas orações, para que a sua existencia seja protegida.

— Mas tu não és um assassino, Sandor; as tuas mãos jámais se mancharam no sangue do teu semelhante!

— Não tentes attenuar os meus actos de rebelião contra as leis, minha pobre amiga; cedo me tarda a forca e os corvos reclamarão o meu corpo!

A mulher começou novamente a soluçar e a creança também. O bandido, commovido a seu pesar, consolou-as como pôde, e disse-lhes:

— Retirem-se, meus filhos, e não se afflijam assim. Não digam a ninguem que me viram, e que aquelle cuja benção eu não ousou implorar para mim, vos abençoe a ambos.

A mulher e a creança afastaram-se; o bandido desprende um cavallo que pastava a alguns passos, e, pondo o pé no estribo, escutou em quanto pôde a voz infantil de seu filho.

## II

Subito, sentindo poisar sobre a sua uma mão robusta, o bandido estremeceu e voltou-se. Ao lado do cavallo estava um desconhecido: era Goergey.

— Nada receies, Rosza Sandor; não procures as tuas pistolas. Seria o meu sangue o primeiro que derramavas ha dezeseis annos.

— Conheces-me então?

— Conheço-te pelo que se tem contado de ti, conheço-te como um bandido, cuja cabeça foi posta a preço; mas sei também que tens uma mulher a quem amas e um filho que estremece; sei que para os vères, arriscas por vezes a vida vindo aqui onde poderias ser facilmente trahido.

— Vejamos, que me queres? Alistares-te no meu bando?... N'esse caso, acredita-me, fazias melhor em pegar n'esta pistola e metteres uma bala nos miolos.

— Rosza Sandor, replicou o outro com serenidade, faze o que eu te disser, e o nome de bandido não mais será associado ao teu.

— Estás louco? Acaso não tenho eu feito quanto podia fazer? Não me dirigi a uns e outros? Não disse: Que me perdoem sómente o passado, e não mais ouvirão fallar de novos crimes; o viajante nada mais terá a receiar; os gados poderão pascer em segurança nas cercanias de Szegedin; não ha reparação a que eu me não pres- te para com as leis de Deus e do meu paiz. Mas

não tem querido attender-me; declararam-me proscripto para sempre e desfavorecido de todas as leis. Que me queres tu, pois? Atraçoar-me talvez? Retira-te, miseravel. Lembra-te que até hoje, como tu mesmo o disseste, ainda não derramei uma gota de sangue.

— Derramal-o-has d'ora avante, e resgatarás d'essa forma os teus crimes. Tu és Magyare, Sandor, a tua terra acceita o que a lei recusou. O teu paiz tem inimigos: vae lavar no sangue d'elles a nodoa do teu nome.

— Não me tentes! disse o bandido tristemente. Ah! se me fosse dado morrer dignamente n'um campo de batalha...

— E se em vez da morte, fosse a gloria que te esperasse? Se ao voltares aqui os homens que hoje te perseguem de floresta em floresta, corressem ao teu encontro com corôas de louro no meio de alegres aclamações? E se em vez de te chamarem o bandido, te chamassem o heroe, o patriota!

— Calla-te! Não me lisongeies com vãs illusões. Eu sou pae... Ah! se tu fallasses verdade! Eu podia ainda fazer muito; podia alistar sob as minhas bandeiras um esquadrão de trezentos homens que muitas vezes tem encarado a morte de frente; homens endurecidos nas fadigas, habituados ao frio do inverno e ás calmas do estio; homens que podem estar tres dias n'uma sella sem se apearem.

— Irei interceder por ti.

— E que te sou eu? Quem és tu? Que interesse te move em meu favor?

— Nenhum. E podes ficar certo que não terei um momento de descanço enquanto te não trouxer o teu perdão.

— Destroe a barreira que me não permite o atirar-me á refrega, e eu te asseguro que te ha de ser difficil contar o numero de inimigos que cabirão aos meus golpes.

— Juro que te hei de trazer o teu perdão... Juro-t'o pelo que ha de mais sagrado, dentro de quinze dias tel-o-has. Onde nos havemos de encontrar?

— Nós? Em parte nenhuma. Eu não me fio de ninguem... Mas se és sincero, vae a Télegyhaz; lá na taberna entra e senta-se a um canto todas as manhãs um velho mendigo que só tem uma mão... reconhece-o-has facilmente por este signal. Mostra-lhe esta pistola e deixa que elle te guie. Não te scandalizes com estas precauções, que são necessarias. Lembra-te que sou perseguido como uma besta-fera... E agora, adeus. O teu caminho fica á direita. O meu é o opposto.

Disse, e cavalgando rapidamente desapareceu a galope pela sinuosa vereda que atravessava o mactos.

## III

Passados quinze dias entrava Goergey na taberna de Télegyhaz.

A um canto, mettido no escuro, estava sentado o velho mendigo maneta, bebendo uma medida de vinho.

O conspirador hungaro mostrou-lhe a pistola. O velho levantou-se, despejou a caneca de um trago, pagou e saiu da taberna, sem proferir uma palavra.

Ao fim da aldeia, Goergey e o mendigo pararam junto de miseravel choça. O mendigo entrou dentro e, voltando em breve com dois magnificos

cavallos de sella, fez signal ao companheiro para que montasse um, em quanto elle montava o outro com a agilidade de um rapaz, e como se tivesse o uso de ambas as mãos.

Apoz uma longa marcha atravez de uma vasta lande viram por entre o escuro da noite um clarão avermelhado. Era uma fogueira; a roda d'ella estavam sentados tres homens.

O maneta assobiou de um modo particular, e um dos tres destacou-se do grupo e veio ao encontro de Goergey.

Era Rosza Sandor, o chefe dos bandidos.

—Que me trazes tu?—perguntou-lhe elle.

—O teu perdão,—respondeu o interrogado apejando do cavallo, coberto de espuma.

E, dando-lhe um pergaminho dobrado em quatro, ajuntou:

—Lê e regosija te.

O bandido voltou-se para o lado da fogueira, e, desdobrando com mão tremula o pergaminho, começou a lê-lo. Quasi em seguida deslizaram-lhe pelas faces duas grossas lagrimas, curvou lentamente os joelhos, e, erguendo ao céu os olhos humidos:

—Meu Deus! exclamou elle com a voz entrecortada pelos soluços,—obrigado, obrigado por teres permitido que eu ainda possa ser um homem digno d'este nome.

E voltando-se para os dois companheiros:

—A cavallo! exclamou, vamos reunir o bando.

Os dois homens montaram a cavallo, e bem depressa echoou de todos os lados o mesmo assobio. Este signal reuniu, em quinze minutos, a volta da fogueira, cento e oitenta cavalleiros bem montados e armados.

—Amigos, disse-lhes Rosza Sandor, o que nós ha tanto tempo desejavamos acaba de realisar-se. Já não somos ladrões nem bandidos... o nosso paiz perdoa-nos. É-nos permitido expiar os nossos crimes por uma morte honrosa. Ha algum de entre vós que não se arrependa da sua vida passada e não se regosije de poder terminal-a no caminho da gloria?

—Nenhum! responderam todos á uma.

—Querem seguir-me aos campos de batalha?

—Queremos!

—Jurem.

O juramento foi breve:

—Juramos alegremente derramar o nosso sangue pela liberdade da patria.

#### IV

Eis pouco mais ou menos como o auctor de uma historia da revolução hungara, refere de que modo Rosza Sandor, o bandido, foi compellido a tomar parte na guerra que a Hungria empreendeu em 1848 para conquistar a sua independencia,—guerra em que elle teve um notavel papel e que fez por momentos brilhar o seu nome ao lado dos generaes Bem, Klapka, Dembinsky, Goergey, etc. O ex-bandido devia não obstante voltar á sua antiga profissão, e, como é sabido, foi julgado e condemnado a prisão perpetua por uma serie espantosa de crimes.

Rosza Sandor nasceu em Szegedin a 16 de julho de 1813. Filho de um guarda de cavallos que terminou os seus dias n'um carcere, começou a carreira de saltador aos 18 annos. Em 1849, depois da famosa capitulação de Vilagos, tornou-se a fazer bandido. Preso em 1857, foi condemnado á morte, mas o imperador commutou-lhe a

pena, e em 1868 obteve o seu indulto por inteiro. Sandor fez parte da policia durante algum tempo, mas provou-se que continuava a dirigir o seu bando. Uma diligencia habilmente combinada fez com que este cahisse em poder da justiça. O numero de seus membros era tal que só a inscripção dos nomes durou um dia.

Este processo sem precedentes levou quatro annos a instaurar, havendo entre os réos individuos altamente graduados.

Quem vio Rosza Sandor, ficou surprehendido de encontrar um personagem de pequena estatura, de uma constituição aparentemente pouco robusta e cujo rosto apresenta uma expressão de bondade. Com as suas qualidades, com outra educação e n'outro meio social este homem teria de certo subido aos mais altos destinos. Em todo o caso, foi um bandido celebre, e ao mesmo tempo um heroe da revolução e um grande guerreiro.

ÉLIE BERTHET

### O CRIME DE RIVECOURT

(TRADUÇÃO DE CUNHA E SA)

(Continuado de pag. 16)

Ninguém pode dizer como esta contenda terminaria, mas repentinamente appareceu um novo bando no theatro da lucta,

—Em nome da lei deponham todos as armas!... Quem não obedecer será immediatamente preso.

Foi a ordem que se ouviu.

Á luz de uma lanterna que um dos recém-chegados trazia, viram-se tres gendarmes de uma brigada bisonha, alguns guardas florestaes e finalmente o maire de Rivecourt, acompanhado do juiz de paz.

Facilmente se explica a sua presença.

O maire e o juiz de paz, depois das costumadas formalidades, tinham ficado na *mairie*, para ordenarem as medidas convenientes em caso tão grave e haviam reunido em torno de si toda a força disponivel.

Em quanto se esforçavam por advinhar quem seria o desconhecido auctor do crime, attrahiu-lhes a attenção o ruido da batalha em roda da casa de Lescot e acudiram a fim de restabelecer a ordem.

Entretanto, o juiz de paz que acabava de fazer a citação, não teve necessidade de a repetir.

Hermano, o mais exaltado entre os aggressores, apressara-se a esconder o machado átraz das costas, enquanto que Leão Girard metia socegradamente as mãos nas algibeiras.

Quanto aos atiradores não poderiamos dizer onde tinham occulto as armas, mas viram-nos approximarem-se uns dos outros com ares innocentes, e como se tivessem acabado de ali chegar, attrahidos pela curiosidade.

Não obstante, muitos d'elles, e Hermano era d'esse numero, continuavam com o mesmo exaspero contra o guarda.

—Senhor juiz, acudiu Hermano com vehemencia, todos á uma cá na terra accusam esse patife de Lescot de ter assassinado o meu sogro!...

Foi elle; temos a certeza d'isso, não pôde ter sido senão elle... E visto que a justiça quer cumprir o seu dever...

—Compril-o-ha, senhores. Se se levanta alguma accusação contra qualquer, seja quem fór, esse individuo deverá immediatamente responder pelos seus actos.

—Por mim, não quero outra coisa, disse Lescot, abrindo a porta e apparecendo de cabeça descoberta e todo alagado em suor. Se sou um scelerado, que me prendam; mas quando quaesquer patifes veem assim de noite atacar-me a casa...

—Os auctores d'esta criminosa tentativa serão perseguidos, retorquiu o magistrado com severidade.

—Não fui eu, senhor juiz, disse com voz adocicada um dos que ha pouco se mostravam mais encarniçados; ia deitar-me quando ouvi...

—Eu tambem não fui, acudiu outro.

—Nem eu! suspirou o pobre José Leroud, tapando com o lenço o nariz que estava do tamanho de uma batata.

—Está bom; nós descobriremos os desordeiros... Mas ha coisa mais urgente... Lescot, a voz publica accusa-o. É indispensavel que o submetta desde já a um interrogatorio.

—Ao seu dispor, senhor juiz; entré em nossa casa, e responderei a tudo quanto quizer perguntar-me, porque nada receio.

—Veremos... Venha tambem, Hermano, accrescentou o juiz friamente. Havemos de ter algumas perguntas que lhe fazer.

—Como quizer, voltou Hermano com indifferença passando o machado para um dos que estavam mais proximos.

O juiz de paz e o maire entraram na casa, seguidos de Lescot, de Hermano e até de Leão Girard, que conhecia o maire e desejava immenso ver em que aquillo dava.

Muitos outros aldeãos havia ali que desejassem tambem entrar mas não os deixaram. Ficou de sentinella á porta um gendarme, outro ao pé da janella, e o commandante da força acompanhou os magistrados, para em caso de necessidade prestar auxilio ás suas decisões.

O interior da casa não padecera muito, porque os habitantes de Rivecourt, aliás pouco destros, só atiravam com chumbo.

A mulher do guarda, toda lavada em lagrimas e a quem a presença dos gendarmes ainda não conseguira de todo tranquilisar, foi logo accender muitas velas e deitou um feixe de lenha na lareira.

O juiz e o maire sentaram-se a uma mesa para redigirem o auto, e em seguida deram começo ao interrogatorio de Lescot.

O guarda descreveu novamente as suas relações com o defunto Martinho. Apesar de se esprimir com apparente sinceridade, Hermano interrompeu muitas vezes violentamente e esteve a ponto de se lançar a elle. O juiz e o commandante da força tiveram de empregar a sua auctoridade para obrigarem o impetuoso tanoeiro a calar-se e conter-se nos limites da moderação.

Depois de Lescot ter satisfeito a todos os pontos do interrogatorio, o juiz perguntou-lhe de repente:

—Onde estava o senhor hontem ás seis horas?

—Palavra que não sei lá muito bem, respondeu Lescot muito distraído.

Hermano conhecia a importancia d'esta pergunta e disse com alegria malevola:

—Ah! ah! não pôde explicar onde se achava á hora do crime!

—E como é que você, Hermano, soube que o crime foi commettido ás seis horas?

— Valha-me Deus! ouvi-o ha pouco dizer em casa do tio Huberto ao Bridou, como Lescot tambem poudo ouvir.

— É verdade, disse Lescot, e agora me vae voltando a memoria, senhor juiz... E aqui está o senhor Estephano que sabe tão bem como eu onde eu estava hontem á noite ás seis horas.

— Tem razão, acudiu o maire. O guarda Lescot apresentou-se em minha casa, hontem ás cinco horas, para me entregar uma parte que passára contra um caçador furtivo, e como eu me achava ausente, teve de esperar muito tempo por mim... Posso affirmar que eram mais de sete horas quando elle me deixou.

Esta coarctada de ausencia, conformada pela propria auctoridade municipal, destruiu completamente a accusação formulada contra Lescot; o juiz depois de conversar em voz baixa com o maire declarou que não havia fundamento para perseguir o guarda.

Observou tambem que não possuia nenhuma arma de fogo, e finalmente, quando chegou á pergunta capital: «onde é que estava na vespera á noite ás seis horas» respondeu com segurança.

— Em casa do Huberto, como ella e sua filha Thereza tinham, havia pouco, declarado em presença de mais de trinta pessoas.

— E isso é rigorosamente verdade?

— Repito, todos que estavam no serão ouviram... E olhem, este senhor parisiense pôde dizer-lhes se mintu.

Assim interpellado, Leão Girard, que se sentara junto do lume, a escutar com distracção este interrogatorio, levantou-se e respondeu:

A tia Huberto e sua filha reconheceram effectivamente ha pouco, na minha presença, que Hermano se achava em casa d'ellas á hora em que o crime parecia ter sido commettido.

— Basta, interrogar-se-hão as duas mulheres, disse o juiz.

E poz-se novamente a fallar em voz baixa com o maire, dando indicios de grande desapontamento.

— Não me parecem fortes estes funcionarios campesinos; se eu estivesse em lugar d'elles, havia de por força deitar a mão ao assassino do guarda... Ora, espera! porque não hei de eu abrir por minha conta, um pequeno inquerito a este respeito? Ah! está uma distracção em que eu não tinha pensado, e que seria bem interessante... Havemos de ver.

E em quanto se ia entregando a estas reflexões subia a unica rua de Rivecourt.

Dois homens que vinham em direcções oppostas, um dos quaes cantava e o outro gemia, tinham-se encontrado em meio da rua escura e trocaram algumas palavras.

— Ah! dizia em tom lugubre o da lamuria, que não era outro senão José Leroud, o noivo de Thereza, como queres tu, João Pedro, que eu me case com o nariz n'este estado?

E João Pedro, o cantador, dizia do seu lado, sem dar ouvidos ao malaventurado noivo:

— Queres ver, meu Leroudinho, que a viuva Lourenço, que estava toda cheia de medo, me



UMA PONTE NO JAPÃO

O tanoeiro Hermano manifestou viva irritação.

— Desconfie de manivias, senhor juiz! exclamou. Eu cá não percebo nada de garatuja nem de chicanas... mas esse maroto mente... Foi elle quem matou o pobre Martinho, foi elle... foi elle...

— Ora essa! para poder assim affirmar, é que você viu, Hermano?

— Eu não; se eu visse, teria soffrido... Mas se não foi elle quem seria então?

— Porque não havia de ser você, Hermano? voltou-lhe o juiz; ninguém ignora que o senhor não andava ás boas com o seu sogro... Agora, toca-lhe a vez de responder ás perguntas que lhe vou fazer.

— O que! pois eu sou accusado?

— Ainda não... Procuro a verdade e vae ajudá-la a descobrir.

Apesar do seu espirito de revolta Hermano reconheceu que devia mostrar-se submisso, e tomou uma attitude respeitosa.

Não poudo, pois, negar os maus termos em que vivia com o sogro, mas protestou que eram pequenas coisas de familia.

A ausencia de Herberto estava tão bem provada como a de Lescot. Por isso, o juiz, depois de fazer assignar aos dois accusados o auto, annunciou-lhes que estavam livres, com a condição de se apresentarem deante da justiça á primeira citação.

Hermano não se afastou sem ter mais uma vez injuriado o pobre Lescot, e com difficuldade se lhe impoz silencio.

Leão Girard saiu alguns momentos depois com o juiz de paz e o maire, os quaes, ao despedirem a força publica, pareciam vivamente contrariados.

— Anda aqui o diabo, dizia o juiz ao seu companheiro; este negocio complica-se cada vez mais.

Os dois unicos individuos a respeito dos quaes havia desconfiança provam claramente a sua innocencia. Enganámo-nos e ha de vir a apurar-se que o crime é obra de algum desconhecido.

Em summa vou mandar este negocio para o tribunal de... talvez que lá aquelles senhores descubram mais que nós.

O artista deu um aperto de mão aos magistrados, e dirigiu-se pelo seu lado para casa de Huberto. Enquanto ia andando, ia pensando:

permittiu que a acompanhasse até á porta? Ai, que não cabia em mim.

— Olha que dois! murmurou o artista, seguindo o seu caminho; estes com certeza que não assassinaram o guarda!

(Continua)

## EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos assignantes e correspondentes na provincia a especial fineza de acouzarem a recepção dos primeiros numeros do jornal.